Introdução

Dilene Raimundo do Nascimento

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

NASCIMENTO, D. R. Introdução. In.: *As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 21-24. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-114-3.

<https://doi.org/10.7476/9786557081143.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Este livro é um estudo, em perspectiva comparada, da tuberculose e da Aids no Brasil, respectivamente nas primeiras e nas últimas décadas do século XX.

Resgatando a análise de meus ensaios anteriores sobre a tuberculose na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, a partir de pesquisas desenvolvidas na Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), pude constatar a existência de analogias evidentes que ocorrem também em relação à Aids, no final do século XX, tanto do ponto de vista do conhecimento científico e das ações institucionais quanto das construções sociais.

Pensei, nesse sentido, que um estudo comparativo das repercussões da tuberculose e da Aids, no corpo social brasileiro, e das estratégias científicas e institucionais para combatê-las seria fértil para a reflexão sobre como a nossa sociedade se relaciona com doenças de grande impacto, cujas características principais são a transmissibilidade e a incurabilidade.

Cada momento histórico teria o seu grande medo, a sua peste,¹ e as características da tuberculose, no passado, e da Aids, hoje, revestem essas duas doenças de significados que permitem suas representações como pestes. Ambas, cada uma em sua época, são moléstias de grande relevância do ponto de vista epidemiológico e social e descrevem trajetórias que se conectam, apresentando, por outro lado contudo diferenças relevantes.

No caso da tuberculose, por exemplo, o discurso médico-científico do início do século XX parece se constituir como único oráculo capaz de apresentar propostas de, pelo menos, algum controle de suas manifestações. Já no caso da Aids, assistimos, a partir de 1980, ao espetáculo da perplexidade

desse mesmo discurso, ludibriado pelas evoluções de uma doença que escapa a todas as tentativas de aprisionamento, e embaraçado pelas teias do imaginário social, tão rico em perspectivas aterrorizantes quanto o vírus em suas múltiplas formas de aparição.

A tuberculose e a Aids produzem um cotidiano de convivência com a morte que resulta em uma diversidade de significados para os indivíduos atingidos. O impacto da tuberculose foi intenso no século XIX e início do XX. Várias hipóteses tentam explicar a sua importância na época. Geralmente, são enfatizados os altos índices de mortalidade, o fato de se tratar de uma doença incurável, seu reconhecimento como contagiosa e a manutenção de índices endêmicos por um longo período.

Constatando a alta incidência de tuberculose e seus elevados índices de mortalidade na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, perguntei-me por que o Estado não adotou medidas concretas que resultassem em uma mudança desse quadro e quais repercussões teve na sociedade brasileira.

Responder a tais indagações implicou um estudo para identificar quem reconheceu a tuberculose como problema, como se difundiu essa visão e quais os recursos e estratégias utilizados para convertê-la em questão a ser enfrentada. Foi preciso, para isso, dimensionar sua magnitude na então capital federal e analisar a doença do ponto de vista da conceituação científica, acompanhando, em seguida, sua repercussão e as soluções engendradas nos campos médico-científico, político e social.

Tomei o mesmo caminho em relação à Aids, que surgiu em cena pública no início da década de 1980. O caráter brutal desse aparecimento e o aspecto misterioso, incompreensível e inexplicável da doença para o saber médico, deixaram perplexos os meios científico e social. Rapidamente a Aids assumiu a dimensão de pandemia.

Por ser a doença um objeto relativamente novo, tanto para a história quanto para as ciências sociais, e uma vez que a história comparada não oferece metodologia consagrada fora da demografia histórica e da história econômica, que são os setores com uma tradição de análise comparativa reconhecida, resolvi, para tratar deste novo objeto, orientar-me pelas perguntas de Lucette Valensi (apud Haupt, 1998: 211)² recomendadas a cada tipo e exemplo de comparação: "Como me decidir se dois objetos são comparáveis? Como compará-los? Que escala de comparação adotar? Por que comparar?"

O fato comum a ambas de serem doenças transmissíveis e incuráveis, e, ao mesmo tempo, apresentarem dissimilaridades, nos respectivos períodos aqui considerados, fez-me decidir pela comparação. Procurei, então, analisar a construção da conceituação sobre uma e outra, no campo médico-científico; e as suas repercussões nos campos político e social, buscando perceber rupturas e permanências na relação da sociedade brasileira com enfermidades que se revestem de um caráter de peste.

Nessa perspectiva, propus uma reflexão sobre os tipos de respostas dadas pela sociedade, quer pelo discurso médico-científico, quer pelo poder público ou pelas organizações alternativas, bem como pelos indivíduos, a essas doenças percebidas como fenômenos sociais. levo em conta, assim, comparativamente, três dimensões das doenças: a do conhecimento científico, a das estratégias institucionais e a de suas manifestações no imaginário social, no imaginário social, a do conhecimento científico e a das estratégias institucionais, considerando que essas três dimensões têm conexões e se interpenetram, assumindo ora características de resultados, ora de geradoras de ações dos atores sociais na sua relação com as doenças - conexões sempre referenciadas aos traços de transmissibilidade e incurabilidade dessas doenças.

A análise comparativa das relações da sociedade brasileira com a tuberculose e a Aids, em dois tempos articulados, me permite situá-las dentro do universo da história social. Levando em conta as diferenças próprias dessa sociedade nos períodos recortados, investiguei as similitudes e dissimilaridades de trajetória da tuberculose e da Aids. Em outras palavras, tentei detectar elementos pertinentes a ambos os casos que permitissem sua aproximação e sua diferenciação. Concebendo-as como fenômenos sociais, procurei analisar de que modo as visões coletivas determinaram o debate e a formulação de políticas de combate a essas moléstias.

Outro aspecto analisado é o das relações entre o discurso médico-científico sobre a tuberculose e a Aids e os valores sociais postos em xeque no contexto mais amplo da representação social dessas doenças. Trata-se, aqui, de detectar a produtividade das concepções morais sobre tais doenças, presentes no imaginário coletivo, e na formulação do discurso médico-científico.

Por fim, procurei examinar a possibilidade de organizações filantrópicas e não-governamentais, atuantes em cenários históricos distintos, terem contribuído para significativas transformações tanto das abordagens médico-institucionais das doenças quanto de suas construções mentais, vale dizer, das representações decorrentes da experiência coletiva da

tuberculose e da Aids como fenômenos sociais e o modo como teriam afetado as próprias políticas públicas.

Neste estudo comparado das relações da sociedade brasileira com a tuberculose e a Aids, optei por uma multiplicidade de fontes, considerando a diversidade de formas de percepção do fenômeno patológico, segundo os locais e níveis de comprometimento com as moléstias. Voltei-me não só para fontes já existentes, como me ocupei da construção de um acervo de história oral, com depoimentos de indivíduos envolvidos diretamente na questão da Aids, profissional ou pessoalmente. Comtemplo depoimentos de médicos clínicos e gestores políticos, de profissionais que trabalham com a elaboração e divulgação de informações (a chamada mídia), de diretores de organizações não-governamentais, de doentes e de seus familiares.

Quanto à tuberculose, as fontes privilegiadas foram os relatórios anuais, estatutos e folhetos da Liga Brasileira contra a Tuberculose, assim como conferências públicas realizadas por seus médicos; artigos de publicações especializadas em medicina, como *Brasil-Médico*, *Arquivos de Higiene* e *Revista Médico-Cirúrgica*; decretos, relatórios da Diretoria Geral de Saúde Pública, anais de congressos médicos, iconografia variada e depoimentos orais.

No que diz respeito à Aids, foram selecionados boletins, relatórios e folhetos da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia) e do Grupo pela Vidda, anais de congressos, informes técnicos do Ministério da Saúde, decretos, artigos de publicações médicas e reportagens da imprensa geral, além de iconografia variada, depoimentos orais e textos autobiográficos.

Penso que este trabalho, instrumentalizado pelo conceito de representação social, como marco analítico para pensar a doença como fenômeno social, pode contribuir para o desenvolvimento do campo da história das doenças e, assim, estimular o entendimento do fenômeno patológico, para além da sua conceituação médica, como objeto histórico-social.

Notas

- ¹ Para origem do conceito de peste, como um mal com poder desestruturante do cotidiano por seu caráter recorrente e dizimador das populações, ver Delumeau (1989), Defoe (1987) e Camus (1947).
- ² Lucette Valensi, 1990, apud: HAUPT, Heinz-Gerhard, "O lento surgimento de uma história comparada", em BOUTIER, Jean, JULIA, Dominique, *Passados recompostos: campos e canteiros da história*, Rio de Janeiro, UFRJ/FGV, 1998, p.211.